

Um outro quadro da tragédia entremostra os anseios de maternidade da pobre môça, de par com a ferocidade dos guerreiros priscos que metem as mãos nas glândulas da vítima, tudo por causa do humano orgulho e da mania mística de nobreza. Na impotência de uma revolta condigna, solta êste pungido brado, que bem retrata um aspecto da cena:

O instinto de procrear, a ânsia legítima
Da alma, afrontando ovante aziagos riscos,
O juramento dos guerreiros priscos
Metendo as mãos nas glândulas da vítima;

As diferenciações que o psicoplasma
Humano sofre na mania mística,
A pesada opressão característica
Dos 10 minutos de um acesso de asma;

Tudo isto que o terráqueo abismo encerra
Forma a complicação dêsse barulho
Travado entre o dragão do humano orgulho
E as fôrças inorgânicas da terra!

De resto, para contar nítida a tragédia que enlutara a alma do poeta, aí está o memorável soneto *A Árvore da Serra*, composição que é um quadro figurativo, de urdidura maravilhosa, onde a emoção da última agonia se plasma em retábulos do mais perfeito acabamento, grandioso pelo valor estético, maior ainda pelos valores dos símbolos que têm sido tão mal interpretados. Raul Machado, que fôra amigo de Augusto dos Anjos nos tempos idos da Paraíba, via nesse soneto tôdas as delicadezas do lirismo e chegou a lamentar a vocação trágica do poeta, derrubando a árvore.

— As árvores, meu filho, não têm alma!
E esta árvore me serve de empecilho...
É preciso cortá-la, pois, meu filho,
Para que eu tenha uma velhice calma!

— Meu pai, por que sua ira não se acalma?!
Não vê que em tudo existe o mesmo brilho?!
Deus pôs alma nos cedros... no junquilha...
Esta árvore, meu pai, possui minh'alma!...